

Jó 42,5: “Deus deixa-se experimentar”

Leonardo Agostini Fernandes

Resumo

Uma nostalgia sintomática e uma vaga sensação de vazio, apesar de tantas aquisições materiais que promovem bem-estar, relativizam a felicidade autêntica e duradoura, ou a sua real possibilidade, gerando, em muitas pessoas, uma postura fatalista ou uma fuga das próprias e alheias responsabilidades. Diante disso, a presença e a ação de Deus, no mundo e na vida dos homens, continuam um incômodo mistério. Jó 42,5, devidamente contextualizado, pode oferecer um ponto de inflexão para os que se afundam em um niilismo de crenças e se afastam dos valores sagrados, julgando que a fé e a religião são coisas ultrapassadas e que servem, somente, para suprir as necessidades dos poucos esclarecidos.

Palavras-chave: Antigo Testamento, Experiência de Deus, Jó, Religiosidade.

Abstract

Despite so many material acquisitions that seems to promote wellness, a symptomatic nostalgia and a vague sense of emptiness turn into relativism the true and lasting happiness, or the real possibility of it, creating a fatalistic attitude in many people or an escape from themselves and their responsibilities for others. Therefore, the presence and action of God, in the world and the lives



of men, remain a troublesome mystery. Job 42,5, when properly contextualized, can provide a turning point for those who sink into nihilism of beliefs and deviate from the sacred values, stating that faith and religion are outdated and things that serve only to meet the needs of few enlightened ones.

Keywords: Old Testament, Experience of God, Job, Religiousness.

Introdução

O Livro de Jó é um dos mais conhecidos e mencionados, por crentes e por não crentes, quando a matéria discutida é o sofrimento humano. Não é, porém, o único livro do seu gênero na Bíblia e no Antigo Oriente Próximo¹. O Livro de Jó é rico de conteúdos e, ao mesmo tempo, complexo². É rico, pela forma didática e polêmica com que trata e enfrenta a questão do sofrimento. É complexo, pelas suas diferentes formas literárias. O início e o fim estão escritos em prosa, mas o corpo do livro está, praticamente, todo em poesia, com exceção de Jó 32,1-6a que serve para introduzir os discursos do jovem Eliú (cf. Jó 32,6b–37,24).

O Livro de Jó não ocupa o mesmo lugar nos cânones bíblicos. Na Bíblia hebraica (BH) encontra-se entre os *Ketubîm* (Escritos), é precedido pelo Livro dos Salmos, que abre a série, seguido do Livro dos Provérbios. Na Bíblia grega (LXX) e na Vulgata (Vg), o Livro de Jó abre a série dos livros sapienciais.

O texto em hebraico está mais bem conservado do que o texto em grego, que, em muitos casos, é mais breve, possui lacunas, acréscimos (cf. Jó 2,9; 42,17) e recorre a paráfrases, ao invés de uma real tradução. Sobre isso, pode-se pensar que o Livro em hebraico ainda não havia atingido a sua forma final e canônica³ na época em que foi traduzido para o grego. A

¹ Cf. Ludger S. SCHÖNBERGER, “Il libro di Giobbe”, in Erich ZENGER, *Introduzione all'Antico Testamento* (org.). Queriniana, Brescia 2005, p. 514. Horacio SIMIAN-YOFRE, *Sofferenza dell'uomo e silenzio di Dio nell'Antico Testamento e nella letteratura del Vicino Oriente Antico*. Roma: Città Nuova, 2005, pp. 11-30.

² Para uma profícua aproximação literária ao Livro de Jó, veja-se: Moshe GREENBERG, “Jó” in Robert ALTER e Frank KERMODE (org.), *Guia Literário da Bíblia*. UNESP, São Paulo 1997, pp. 305-326; Steven L. MCKENZIE, *Como ler a Bíblia. História, profecia e literatura*. Rosari, São Paulo 2007, pp. 107-114.

³ Sobre a qualidade textual e o debate quanto à unidade e os estágios redacionais que o livro sofreu,

Vulgata, por uma questão cronológica, está mais próxima ao texto hebraico massorético.

A estrutura geral do Livro é simples: um prólogo (Jó 1,1-2,1), um corpo (Jó 3,1-42,6) e um epílogo (Jó 42,7-17). Há muitas questões internas que dificultam a tradução, devido aos *hapax legomena* e, por isso, não há como fazer uma leitura homogênea do Livro. Ao lado dessas questões, Jó 24 e 26 estão dispostos diferentemente na Bíblia hebraica e nas versões em vernáculo⁴.

No quadro estrutural do livro, porém, interessa perceber que a personagem Jó passa por três fases: a) no prólogo, Jó aparece como uma pessoa disponível e conformada com a vontade de Deus (Jó 1,21; 2,10b); b) no corpo do livro, Jó problematiza e contesta o que lhe está acontecendo e se rebela diante de soluções fáceis; c) finalmente, a partir dos discursos de Deus (Jó 38,1-39,30; 40,6-41,26), Jó recupera a serenidade e a paz, frutos da experiência de Deus (cf. Jó 40,1-5; 42,1-6).

O gênero literário marcante é o drama desenvolvido em vários atos, nos quais o diálogo oferece ao livro vivacidade, profundidade e tensão. Jó tem seis interlocutores principais: cinco humanos (a esposa, Elifaz, Baldad, Sofar e Eliú) e Deus, que além de falar no prólogo, no corpo e no epílogo, é colocado em evidência tanto por Jó como pela esposa e pelos quatro amigos.

A sabedoria, arte do bem viver, no Livro de Jó é apresentada em forma de debates que giram em torno de uma questão teológica: Se ao justo cabe a bênção e ao ímpio a maldição (cf. Dt 28; Pr 13,21), por que o justo sofre?⁵ O cerne dos debates com os amigos gira, então, em torno das relações que existem entre o pecado e o sofrimento, mas fica sublinhada, também, a possibilidade do sofrimento ser uma permissão de Deus na vida do justo (cf. Jó 1,6-2,10).

Outras questões devem ser levantadas, para que haja uma correta interpretação do Livro de Jó: Por que o homem deve servir a Deus que lhe permite

veja-se: Franco FESTORAZZI, “Giobbe – Quèlet – Sapienza”, in Franco FESTORAZZI – Antonio BONORA – Adalberto SISTI (org.), *Il Messaggio della Salvezza: Gli ‘Scritti’ dell’Antico Testamento*, Vol. 5. ELLE DI CI, Torino 1985, p. 57; Donatella SCAIOLA, “Giobbe”, in Antonio BONORA – Michelangelo PRIOTTO (org.), *Libri Sapienziali e Altri Scritti*. Vol. 4. ELLE DI CI, Torino 1997, p. 58.60-62; Victor MORLA ASENSIO, *Livros Sapienciais e Outros Escritos*. Vol. 5. Ave Maria, São Paulo 1997, p. 126-127.148-149; Ludger S. SCHÖNBERGER, “Il libro di Giobbe”, p. 516-521.

⁴ Cf. Artur WEISER, *Giobbe*. Brescia: Paideia 1975, p. 12-14.

⁵ “O inocente que sofre tem apenas uma pergunta: Por que eu, exatamente eu, tenho que pagar esta conta?” (Isidoro MAZZAROLO, *Jó, amor e ódio vêm do mesmo Deus?* Rio de Janeiro: Mazzarolo editor, 2002², p. 266).

o sofrimento? Como conciliar o sofrimento humano com a providência divina? Ao lado disso, percebe-se uma intenção no livro: não se serve bem a Deus para, em contrapartida, ser bem servido por Deus⁶. Jó não deve ser visto como um paradigma dessa intenção, mas como alguém que não somente buscava evitar o mal, mas era um homem piedoso que procurava sustentar os vacilantes (cf. Jó 4,3-4).

O sofrimento, neste livro, não é tratado de forma abstrata, mas concretiza-se na vida de um homem piedoso e justo, representante de todos os que sofrem, mas têm os seus olhos voltados para Deus. Jó, em pouco tempo, passou de homem rico de bens e de filhos a um pobre; de saudável a chagado, de bem visto pelos amigos a inquirido por pecados, dos quais Jó tem consciência de não tê-los cometidos. O drama faz com que Jó se posicione tenazmente diante da esposa, que o interpela como quem reage contra a uma situação vigente⁷, dos amigos e de Deus. O resultado final dos debates, porém, é fruto das intervenções dos interlocutores e da posição que Jó assume diante de Deus.

Já no início, o ouvinte-leitor poderia, prontamente, fazer a seguinte pergunta: Jó, diante de tantos e tão grandes sofrimentos, permanecerá fiel ao Senhor? Jó até maldisse o dia em que foi gerado e veio à vida (cf. Jó 3,1-26), mas a sua fê não foi renegada. O desenvolvimento do seu drama alcançou o seu clímax nesse último discurso (Jó 42,1-6). O resultado aponta para um elemento essencial: não é admissível que o sofrimento seja sempre e necessariamente uma punição, não obstante se cruze com outro elemento essencial: ninguém é totalmente justo diante de Deus. Dessa forma, o sofrimento poderia possuir uma função medicinal e pedagógica, que serviria para aperfeiçoar os dons e as virtudes dados por Deus ao ser humano.

⁶ Cf. Leonardo A. FERNANDES, *A Bíblia e a sua Mensagem. Introdução à leitura e ao estudo da Bíblia*. Rio de Janeiro/São Paulo: PUC-Rio/Reflexão, 2010, p. 176.

⁷ Cf. Natalino das NEVES – Luiz Alexandre S. ROSSI, “A Mulher de Jó, um grito de protesto: uma releitura do livro de Jó sob a perspectiva da teologia feminista”. In *Estudos Teológicos* 51 (2011) pp. 121-122. Esses autores propõem as injustiças praticadas pela dominação persa, apoiadas pelos líderes religiosos do povo eleito sob o dogma da retribuição, como chave de leitura para os males enfrentados pela personagem Jó: perda de bens, família, saúde, etc.

1. Texto e notas

Então, Jó respondeu ao Senhor e disse:	1	וַיַּעַן אֱיֹיֵב אֶת־יְהוָה וַיֹּאמֶר:
Sei que tudo podes,	2a	יְדַעְתָּ כִּי־כָל תּוּכַל
e não se perde de ti uma deliberação.	2b	וְלֹא־יִבָּצֵר מִמֶּךָ מְזֻמָּה:
Quem é este que denigre um conselho sem ciência?	3a	מִי זֶה מַעְלִים עֵצָה בְּלִי דַעַת
Por isso, narrei, mas não discernei,	3b	לָכֵן הִגַּדְתִּי וְלֹא אָבִין
maravilhas de mim, mas não conhecia,	3c	נִפְלְאוֹת מִמֶּנִּי וְלֹא אָדָּע:
Ouve, por favor,	4a	שָׁמַע־נָא
e eu falarei,	4b	וְאֲנֹכִי אֲדַבֵּר
eu te perguntarei,	4c	אֲשַׁאלְךָ
e me farás conhecer.	4d	וְהוֹדִיעֲנִי:
Ao ouvir de ouvido eu te obedecia,	5a	לְשִׁמְעָ־אָזְן שָׁמַעְתִּיךָ
mas agora meu olho te viu.	5b	וְעַתָּה עֵינִי רָאִתְךָ:
Por causa disso eu me retrato,	6a	עַל־כֵּן אֶמָּאֵס
e arrependo-me sobre o pó e a cinza.	6b	וְנִחַמְתִּי עַל־עָפָר וְאַפָּר:

v. 2a: *sabes*, com o *ketib*; *sei*, com o *qere* (יְדַעְתִּי). A LXX e a Vulgata trazem o verbo na primeira pessoa do comum singular. Os massoretas também sugerem que se leia assim e as versões adotaram a correção. Lido no *ketib*, Jó estaria dizendo a Deus que ele é capaz de tudo, mas lido no *qere*, Jó estaria afirmando que reconhece que somente Deus é capaz de tudo.

v. 3a: manuscritos hebraicos, apoiados pela LXX e pela versão Siríaca, trazem בְּמַלִּים após עֵצָה devido o paralelo com Jó 38,2, que usa, porém, בְּמַלִּין (Jó 4,2), ao invés de בְּמַלִּים que ocorre, ainda, em Jó 16,4; 19,2; 29,9. O v. 3a repete, com pequenas mudanças, Jó 38,2.

v. 4b-d: nota-se a relação textual e teológica com Jó 38,3b. A repetição de verbos com sujeitos diferentes cria um jogo teológico: de um lado, o Senhor manda perguntar; de outro lado, Jó se sente acolhido por Deus para perguntar, pois assumiu, diante d'Ele, uma postura humilde.

v. 5b: O singular, *meu olho* (עֵינִי), indica um valor metafórico na expressão, capaz de sublinhar a extraordinária transformação e o progresso que se deu no processo cognoscitivo, na intimidade do encontro inédito com Deus. Uma experiência típica dos místicos, que veem a Deus em seu íntimo.

v. 6a: Literalmente “rejeito”. Um verbo que está sem o seu objeto. Pode-se pensar que Jó se referiu ao que disse de forma insensata, rejeitando, então, o que dissera na sua posição frente aos amigos e a Deus.

2. Delimitação e estrutura do texto

Jó 38,1–42,6 contém dois discursos do Senhor a Jó, nos quais discorre sobre as maravilhas da criação (cf. Jó 38,1–40,2; 40,6–41,26) e duas respostas de Jó ao Senhor, nas quais confessa a sua pequenez (cf. Jó 40,3-5) e reconhece, positivamente, a sabedoria e onipotência de Deus (cf. Jó 42,1-6). Isso respeita a forma dialogal⁸. Jó 42,1 inicia a segunda resposta de Jó ao Senhor, uma segunda retratação por sua insensatez. Jó 42,1-6 termina a parte poética do Livro. Jó 40,7 volta a prosa, na qual o narrador retoma a fala.

A última parte poética do Livro possui coerência interna, dado confirmado pelos verbos e sufixos na primeira pessoa do comum singular, que dizem respeito a Jó como sujeito e os sufixos de segunda pessoa do masculino singular, que dizem respeito ao Senhor, a quem Jó se dirige na sua retratação. Essa resposta de Jó ao Senhor possui quatro momentos: a) uma confissão (vv. 1-3); b) uma súplica (v. 4); c) uma afirmação (v. 5); d) uma retratação (v. 6).

3. Comentário aos versículos

Do ponto de vista literário-teológico, o Senhor, após colocar Jó diante da sua divina grandeza e fazendo-o perceber a sua humana pequenez, deu-lhe o direito de falar uma última vez⁹. O ouvinte-leitor é convidado a se colocar

⁸ Cf. Ludger S. SCHÖNBERGER, “Il libro di Giobbe”, p. 510.

⁹ Ao contrário do diálogo com o profeta Jonas, Deus não lhe concedeu o direito a uma última



não somente no lugar de Deus, mas, também, no lugar de Jó que, não obstante sinta um grande desconforto pela forma como se posicionou diante de Deus, teve a chance de se retratar¹⁰.

vv. 1-3:

Então, Jó respondeu ao Senhor e disse:

Sei que tudo podes,

E não se perde de ti uma deliberação.

Quem é este que denigre um conselho sem ciência?

Por isso, narrei, mas não discerni,

Maravilhas de mim, mas não conhecia,

A conduta de Jó diante do seu sofrimento é muito realista, carregada de lamentações sobre a dura condição ao qual ficou reduzido. Por isso, maldisse o dia do seu nascimento (cf. Jó 3,3-10); desejou a morte como uma libertação (cf. Jó 3,11-16); exasperou-se, com amargas reprovações, contra os seus amigos e contra Deus (cf. Jó 31,1-40). O Senhor, no seu primeiro discurso, não se ocupou, diretamente, com o sofrimento de Jó, mas colocou-o diante da sua inefável providencia. Nesta, até o sofrimento faz parte do mistério que, aos olhos do ser humano, é inconcebível.

O Ponto de partida e o ponto de chegada encontram-se na fundamental certeza de que Deus criou, sustenta e governa o mundo com harmonia e benevolência. Jó descobriu Deus diante da impossível possibilidade de realizar os seus desígnios: *Sei que tudo podes e não se perde de ti uma deliberação* (v. 2). Jó percebe que a Providência divina é um enigma, pois lhe é superior. Na base disso, está a fidelidade de Deus ao seu desígnio de justiça¹¹. Jó precisou ser conduzido por Deus, através de diálogos, a fim de que pudesse alcançar um ponto decisivamente válido, na forma e no conteúdo, do conhecimento que julgava ter de Deus.

replica, pois Jonas permaneceu intransigente, ao passo que Jó assumiu uma postura humilde diante de Deus (cf. Leonardo A. FERNANDES, *Jonas*, São Paulo: Paulinas 2010, 23-24).

¹⁰ Cf. Luis ALONSO SCHÖKEL – José Luis SICRE DÍAZ, *Job. Comentario teológico y literario*. Madrid: Ed. Cristiandad, 2002, p. 727.

¹¹ “Justiça do homem e justiça de Deus não podem ser pensadas apenas em termos alternativos, para os quais a afirmação de uma inclui necessariamente a negação da outra. Não são reciprocamente incompatíveis, embora – no caso do sofrimento inocente – sejam coexistentes.”... “O mal existe no mundo, mas o mundo não é mau. Há forças caóticas no cosmo, mas o cosmo não é um caos.” (Silvio JOSÉ BÁEZ, *Quando tudo se cala. O silêncio na Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 87).

Jó, ao dizer que reconhece a grandeza de Deus, valida e pauta a sua confissão na total ignorância diante do que Deus lhe dissera sobre a origem e as dimensões da terra (cf. Jó 38,4-5.18). Apesar de Jó ser avançado em anos, um ancião experiente, ele não tem as respostas para o que se passa na terra (cf. Jó 38,21) e, tampouco, para as relações entre o que rege o céu e influencia a terra (cf. Jó 38,33). Até mesmo a reprodução das espécies escapa ao seu saber (cf. 39,1-2).

Jó reconhece que se encontra diante do poder infinito e insondável de Deus que realiza o seu querer sem a participação e intervenção alheias. Isto pode satisfazer o desejo de entender porque Deus consentiu que Satanás infligisse dor e sofrimento a Jó. Somente quem tem o total domínio sobre a vida dos homens e a história pode permitir que aconteçam coisas incompreensíveis aos olhos dos homens. Até mesmo quem se sabe isento de falta, não sabe, porém, como tudo à sua volta acontece.

Usufruindo o direito à réplica, Jó abre uma última vez a sua boca e contrapõe, em grandeza, o que Deus sabe e o que ele não é capaz de discernir. A primeira coisa que diz é mais do que uma afirmação, é uma confissão de fé compatível com o conceito de onipotência: *sei que tudo podes*. É o reconhecimento que o homem, por mais que ele tente, não consegue se igualar a Deus e ao seu saber (cf. Gn 11,6). Jó aceita o fato de ter sido convencido por Deus que *não perde uma deliberação* (disputa). Nada escapa a Deus e ao seu saber. É insensato quem não reconhece isso.

O alcance da sua confissão vai mais além, no momento em que propõe uma questão a si mesmo, mas que tem a ver, também, com os quatro amigos. Todos agiram como insensatos diante de Deus e do seu saber providente. Todavia, o longo debate de Jó com os seus amigos não foi em vão, mas serviu para mostrar o quanto o ser humano se engana ao pensar que conhece as razões do sofrimento e do que julga mal no mundo.

Não é difícil reconhecer nas coisas grandes e portentosas as maravilhas de Deus, mas Jó, agora, volta atrás e se dá conta das maravilhas que aprendeu com a sua dor e o seu sofrimento. Para Deus, nada é impossível. Só Ele realiza maravilhas que estão fora do alcance humano, mas não fora da sua capacidade de reconhecê-las e aceitar que elas são superiores ao seu ser (cf. Jó 5,9; 9,10; 10,16; 37,5.14). Conhecer o desconhecido não é a mesma coisa que se colocar e se aplicar ao impossível. Ao descobrir e aceitar a própria ignorância, Jó percebe um saber maravilhoso, que vence a presunção de se pensar ilimitado em suas capacidades (cf. Sl 131,1; 139,6).

v. 4:

*Ouve, por favor;
e eu falarei,
eu te perguntarei,
e me farás conhecer.*

Aquele que se rende ao valor positivo da ignorância, vencendo a arrogância do orgulho de querer ser “onisciente”, abre-se para a possibilidade de continuar conhecendo a realidade em profundidade. O ser humano descobre a grandeza sem limites de Deus quando admite a sua própria pequenez e as suas limitações. Isto não é renúncia ao conhecimento, mas é abertura para o conhecimento que vai além das próprias capacidades.

O importante, de fato, não é o que, simplesmente, se conhece sobre si, sobre as pessoas e sobre o mundo; mas a maturidade que o conhecimento, advindo das experiências indesejadas, pode suscitar e a transformação que pode operar na vida de quem se deixa modelar pelo conhecimento que deles derivam. Por isso, Jó pode se colocar como uma pessoa capaz de *dizer* e de *perguntar* o que não sabe e o que lhe ultrapassa na certeza de que Deus lhe *fará conhecer*.

No momento em que Deus termina a sua fala, Jó apresenta-se para ser ensinado, pois necessita ser instruído sobre o mistério que circunda as maravilhas que ultrapassam o seu parco conhecimento. Jó, diante de Deus, não é um derrotado, mas um novo ser humano capaz de perceber que é melhor ser instruído por Deus do que apresentar-lhe as credenciais de sua inocência. Diante de Deus, Jó descobre e aceita o seu lugar no meio de todas as maravilhas que ultrapassam o seu limitado saber.

v. 5:

*Ao ouvir de ouvido eu te obedecia,
mas agora meu olho te viu.*

O que ultrapassa os limites do saber humano pode ser percebido e apreendido quando o ser humano reconhece estar diante do mistério, isto é, diante de Deus e da sua grandeza (cf. Sl 73,16). Ouvir a sabedoria dos quatro amigos não fez Jó crescer no conhecimento de Deus. Tudo o que eles disseram continuou ligado ao modo de conceber Deus através de uma simples reação impessoal de causa e efeito. Jó tem condições para ir além do conceito tradicional de Deus, pois fez uma experiência que lhe ajudou a compreender a sua forma insensata de ver e julgar os fatos trágicos da sua vida, diante dos quais se justificava como inocente.

A imagem de Deus como retribuidor cede lugar à imagem do Deus que educa e insere Jó em uma condição totalmente nova: Jó não mais conhece Deus por ouvir dizer, mas pode dizer que “vê” Deus, porque se tornou capaz de aceitar os seus desígnios e abraçar os seus critérios. Percebe-se a mudança profunda que se produz em Jó. Tal mudança faz, desse versículo, a chave de todo o livro. Jó renunciou à sua lógica para entrar na lógica de Deus¹². O seu gesto penitencial adquiriu novo significado: não buscou aplacar a ira de Deus, mas objetivou reconhecer a autêntica purificação do que até então pensava sobre Deus. Jó descobriu que a grandeza de Deus não achata a sua pequenez, mas a eleva a um nível de conhecimento nunca visto ou experimentado.

O que foi discutido sobre o pecado do homem, sobre prêmios e castigos, não foi capaz de convencer Jó e, tampouco, deu-lhe a possibilidade de fazer uma experiência nova de Deus. Ao deixar-se modelar pelo saber divino, Jó reage diante da sua situação. Ele pode ser reerguido do pó e sarado de suas chagas, pois se colocou diante do poder de Deus com humildade. Não serviu a Jó reivindicar a sua inocência frente a injustiça divina. Isto só serviu para mostrar a fraqueza da argumentação de Jó (cf. Jó 40,8), querendo provar, diante de Deus, que era inocente e, como tal, merecedor de reparação pelos danos recebidos¹³.

Jó conhecia Deus pelo seu agir favorável, pelas maravilhas que lhe foram narradas e pelos benefícios que sempre obteve dele. Uma mentalidade muito em voga nos nossos dias! Esse saber era a luz que guiava Jó que, para continuar agraciado, evitava o mal e não deixava que nada desagradasse a Deus. O serviço que lhe prestava era, apesar de tudo, um ato derivado de uma fé interessada na retidão ética capaz de alcançar de Deus benefícios e evitar malefícios.

No início do livro, Jó apareceu preocupado com as ações dos filhos e filhas, procurando aplacar Deus com sacrifícios, caso os filhos o tivessem ofendido. Essa preocupação tinha a ver com a forma como Jó concebia e conhecia o Deus ao qual aderira pela audição, sinônimo de testemunho, mas ao qual ainda não tinha feito uma experiência pela visão, isto é, pela possibilidade de “ver” Deus lhe ensinando nas suas condições deploráveis.

Jó afirma que Deus era conhecido pelo ouvir, mas, agora, é conhecido pelo ver. O incompreensível pode ser experimentado no momento em que cai a falsa ideia que tinha de Deus e do seu modo de retribuir. Não se está, com isso, entrando em contradição com Ex 33,20: *Tu, porém, não poderás ver*

¹² Cf. R. FORNARA, *La visione contraddetta. La dialettica fra visibilità e non-visibilità divina nella Bibbia Ebraica* (Analecta Biblica 155). Roma: PIB 2004, pp. 484-485.

¹³ Cf. Silvio JOSÉ BÁEZ, *Quando tudo se cala*, p. 87.

o meu rosto, porque nenhum homem pode me ver e permanecer vivo. O ver, nos dois versículos, tem sua razão de ser no amar. Jó vê Deus em um inefável acontecimento de fé que o torna próximo da experiência que Moisés (cf. Ex 33,23) e os profetas (cf. 1Rs 19,11; Is 6,1; Ez 1,28) fizeram de Deus. O juízo divino é vivido como um ato da sua graça e misericórdia: no auge da dor humana se experimenta o máximo da graça divina¹⁴.

Parece que existe uma perfeita consonância entre Jó 42,1-6 e Jó 19,25-27. A esperança que Jó manifestou possuir em 19,25-27 concretiza-se em 42,1-6. Ao reconhecer a grandeza de Deus e a sua pequenez, Jó está vendo Deus agindo como seu resgatador, porque o seu plano salvífico se desvela diante de seus olhos como conhecimento. Por um lado, Jó afirma que o seu resgatador levanta-se do pó (cf. Jó 19,25); por outro lado, Jó, uma vez resgatado pelo verdadeiro conhecimento de Deus, senta-se no pó (cf. Jó 42,6).

v. 6:

*Por causa disso, eu me retrato,
e arrependo-me sobre o pó e a cinza.*

A passagem do “ouvir dizer” ao “ver”, modo clássico de se conhecer (cf. Jó 13,1-2), implica que a sua retratação advém do reconhecimento da sua pequenez em relação ao que desconhecia do grandioso desígnio de Deus. É uma pequenez que não o assola, mas o ajuda a perceber o sentido do seu existir. A nova experiência de Jó denota que ele aprendeu uma lição, um novo conhecimento de Deus, que, por sua vez, exige uma novidade de comportamento, por isso, adota uma nova postura diante de Deus ao considerar insensata toda a sua argumentação e o que, com ele, argumentaram os seus acusadores.

Jó parece que considera a sua insensatez uma postura próxima à do pecado, digna de humilhação; razão pela qual assume uma atitude tipicamente penitencial. Esta, porém, difere do modo inicial como indicou a consternação por tudo o que lhe aconteceu (cf. Jó 2,8) e da forma indignada como fora tratado pelos mais jovens (cf. Jó 30,19).

Jó já começara a se render diante do primeiro discurso do Senhor, vendo que abrisse a boca de forma insensata (cf. Jó 40,4-5). Não se sabe, ao certo, o que Jó rejeitou. O seu desgosto não é movido pela certeza de ter cometido um pecado, pois sem sucesso os seus amigos tentaram arrancar dele algo dessa natureza. Não há razões para se crer que Jó estivesse se retratando pelo que disse ao debater com os seus acusadores. Quanto a esses, no que diz respeito

¹⁴ Cf. Artur WEISER, *Giobbe*. Brescia: Paideia 1975, p. 399.

de Deus, Jó demonstrou possuir um saber bem mais profundo. Do contrário, não faria sentido o elogio que, no final, Deus fez a Jó, dirigindo uma palavra de indignação aos acusadores através de Elifaz de Temã (cf. Jó 42,7-9).

A mediação de Israel não é um fim, em si mesma, para os outros povos. Ela serve para colocar os outros povos diante da grandeza de seu Deus. Essa mediação alcança o seu objetivo quando consegue abrir o ser humano para fazer a sua pessoal experiência de Deus.

Conclusão

A “solução” que o livro de Jó apresenta para o sofrimento da pessoa boa e justa não é especulativa ou teórica, mas concreta e existencial. Ela passa pela descoberta e aceitação das próprias limitações diante do mistério de Deus que se coloca ao lado de quem sofre.

Várias pessoas, no presente, buscam respostas para os seus conflitos internos e externos em múltiplos setores da sociedade. No passado, elas procuravam essas respostas nas suas crenças e nos seus deuses. Hoje, muitas pessoas, até bem formadas e informadas, se sentem privadas de um horizonte feliz e estão feridas, no coração, por diversas decepções e sofrimentos. Elas buscam, mas continuam sem respostas para as suas inquietações e dúvidas.

O ser humano, em geral, só consegue colher da realidade que o circunda aspectos parciais, de modo que o seu conhecimento é relativo e seus argumentos, portanto, são limitados. Se é assim, o ser humano ignora, em grande parte, o alcance e a grandeza dos desígnios de Deus. Por não conseguir contemplar a globalidade e a profundidade dos prodígios divinos, o ser humano, também, não sabe como se posicionar e se comportar diante da realidade que, aos seus olhos, vislumbra-se confusa e inquietante.

Jó e os seus interlocutores não eram hebreus, mas Jó possui as características que fazem dele um homem piedoso, segundo as leis e os preceitos divinos dados a Israel. O ouvinte-leitor, sabedor que por detrás da figura de Jó e do seu sofrimento, está o povo de Deus, sente-se chamado a assumir uma postura aberta sobre o sentido do próprio destino, no qual se encontra Deus e os seus desígnios.

Para se colocar, com uma postura humildade, diante da vida e dos seus problemas, é preciso vencer a tentação de querer respostas imediatas, prontas e adequadas. O sentido último da vida é colhido na contemplação do Mistério da presença e da ação de Deus para além dos limites visíveis da nossa história. Se, por um lado, é possível colher o sentido do Livro; por outro lado, não é fácil aceitá-lo.

O sofrimento do justo nasce da provação para revelar se a sua obediência é fruto do amor ou do interesse pelo bem-estar que Deus pode lhe proporcionar pela prática da sua justiça. Diante do sofrimento, é sábio quem é paciente.

Jó, no início, tinha se posicionado, confiante e decisivo, diante do seu sofrimento: *Nu eu sai do ventre de minha mãe! Nu eu voltarei para lá! O Senhor deu e o Senhor tirou! O nome do Senhor seja bendito* (Jó 1,21); *Se aceitamos de Deus o bem, não haveríamos de aceitar também o mal?* (Jó 2,10b). O ouvinte-leitor, por essas respostas, pode pensar que Jó era inabalável. Todavia, a última fala de Jó apresenta uma conclusão mais árdua, porém, bem lúcida e realista. Diante da grandeza e da sabedoria infinita de Deus, Jó alcança, através da sua dor e da sua crise, o valor supremo da vida e da sua existência.

No segundo ciclo de discursos, manifestando a sua confiança em Deus (cf. Jó 15,1–21,34), Jó havia afirmado que veria Deus, seu vivo resgatador, com seus próprios olhos, após deixar essa vida (cf. Jó 19,26). Uma crença antiga, mas válida e sensata, pois Deus não pode ser visto como ele é de fato nessa existência parca e efêmera. Nos nossos dias, ainda se pensa assim.

Agora meu olho te vê (Jó 42,5b). Essa frase resulta paradoxal, pois se contrapõe ao saber-obedecer pelo ouvir (Jó 42,5a). A visão de Deus é o que se espera no final de uma existência vivida na fé e pela fé. O desejo da visão de Deus, que anima a experiência e a prática religiosa do fiel, se constrói na medida em que os vínculos com o divino apontam para uma relação pessoal de liberdade, gratuidade e adesão ao mistério.

Jó afirma ver no momento em que reconhece a sua incapacidade de alcançar uma resposta pela sua própria indagação e pela rejeição das críticas feitas pelos amigos acusadores. No paradoxo da sua incapacidade, Jó percebe que pode, efetivamente, ver Deus. Torna-se claro, então, que esse paradoxo exige uma única satisfação: *Aquele que morreu na cruz tem o direito de não explicar tudo*. A vantagem que um cristão possui em relação a Jó advém do conhecimento do Mistério Pascal de Jesus Cristo, o justo sofredor por excelência. Isto denota que o sofrimento humano continua seu curso, é um imperscrutável mistério que não se pode compreender, mas se pode viver, aceitando-o com Cristo, por Cristo e em Cristo¹⁵.

¹⁵ “Quem de nós já não se sentiu na pele de Jó? Todavia, o justo Jó concretiza-se, plenamente, na pessoa de Jesus, que é o justo sofredor. Ele, que nada fez de mal, pagou o precioso preço do nosso resgate.” (Leonardo A. FERNANDES, *A Bíblia e a sua Mensagem. Introdução à leitura e ao estudo da Bíblia*. Rio de Janeiro/São Paulo: PUC-Rio/Reflexão, 2010, p. 107).



Referências Bibliográficas

- ALONSO SCHÖKEL, L. – SICRE DÍAZ, J. L., *Job. Comentario teológico y literario*. Madrid: Ed. Cristiandad, 2002.
- FERNANDES, L. A., *A Bíblia e a sua Mensagem. Introdução à leitura e ao estudo da Bíblia*. Rio de Janeiro/São Paulo: PUC-Rio/Reflexão, 2010
- FERNANDES, L. A., *Jonas*, São Paulo: Paulinas 2010.
- FESTORAZZI, F., “Giobbe – Qoèlet – Sapienza”, in F. FESTORAZZI – A. BONORA – A. SISTI (org.), *Il Messaggio della Salvezza: Gli ‘Scritti’ dell’Antico Testamento*, Vol. 5. Torino: ELLE DI CI, 1985.
- FORNARA, R., *La visione contraddetta. La dialettica fra visibilità e non-visibilità divina nella Bibbia Ebraica* (Analecta Biblica 155). Roma: PIB 2004.
- GREENBERG, M., “Jó” in Robert ALTER e Frank KERMODE (org.), *Guia Literário da Bíblia*. São Paulo: UNESP, 1997, pp. 305-326.
- JOSÉ BÁEZ, S., *Quando tudo se cala. O silêncio na Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 2011.
- MAZZAROLO, I., *Jó, amor e ódio vêm do mesmo Deus?* Rio de Janeiro: Mazzarolo editor, 2002².
- McKENZIE, S. L., *Como ler a Bíblia. História, profecia e literatura*. São Paulo: Rosari, 2007.
- MORLA ASENSIO, V., *Livros Sapienciais e Outros Escritos*. Vol. 5. São Paulo: Ave Maria, 1997.
- SCAIOLA, D., “Giobbe”, in A. BONORA – M. PRIOTTO (org.), *Libri Sapienziali e Altri Scritti*. Vol. 4. Torino: ELLE DI CI, Torino 1997.
- SCHÖNBERGER, L. S., “Il libro di Giobbe”, in Erich ZENGER, *Introduzione all’Antico Testamento* (org.). Brescia: Queriniana, Brescia 2005.
- SIMIAN-YOFRE, H., *Sofferenza dell’uomo e silenzio di Dio nell’Antico Testamento e nella letteratura del Vicino Oriente Antico*. Roma: Città Nuova, 2005.

Leonardo Agostini Fernandes

Doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma
Professor do Departamento de Teologia da PUC-Rio e do ISTARJ

Artigo Recebido em 22/08/2011

Artigo Aprovado em 21/11/2011